

Trajetórias singulares: tecnologias de comunicações e transportes nas experiências e/imigratórias de valadarenses que emigraram para os Estados Unidos

ELTON FRANCISCO¹

Introdução

A cidade de Governador Valadares (MG), propositadamente nomeada de “Valadólare” por alguns de seus habitantes, constituiu uma conexão com os Estados Unidos durante a década de 1960 em função da existência de um imaginário social sobre aquele país como um “Eldorado” e na década de 1980 este fluxo toma uma importante dimensão quando um número significativo de seus habitantes emigraram para aquele país, modificando a vida cotidiana e os espaços físicos da cidade. Esta conexão manteve-se constante na medida em que os sistemas de telecomunicações e a mídia têm o potencial de permitir às redes sociais frequentes conexões, transcendendo fronteiras nacionais e ligando redes domésticas através de grandes distâncias.

Nas últimas décadas os desenvolvimentos e o barateamento dos meios de transportes necessários aos deslocamentos espaciais, bem como a incorporação de novas tecnologias de comunicação nas relações sociais são vistos como processos que diminuem as distâncias espaços-temporais e causam mudanças nas identidades culturais, individuais e coletivas nos espaços “local” e “global” (HALL, 2003). Partindo desse pressuposto e analisando o fluxo e/imigratório² que parte de Governador Valadares e rumo a diferentes estados dos Estados Unidos esta comunicação tenta dar alguma visibilidade para o fato de que os processos de modernização dos meios de transportes e de comunicações contribuem com a singularização das experiências e/imigratórias, inscrevendo-as em diferentes momentos históricos, e como no tempo presente eles são significativos para que os emigrantes e suas famílias possam manter os laços entre o país de origem e o de destino: mantendo ativas as redes sociais que sustentam estes fluxos, transformando a vida cotidiana dos e/imigrantes e suas famílias e algumas vezes criando diferentes constrangimentos sociais. O texto tem por base alguns dos 12 relatos orais

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural da UFSC. Bolsista Capes.

² Os termos e/imigração e e/imigrante são utilizados no sentido de destacar o fato apontado por Abdelmalek Sayad de que todo emigrante é também um imigrante. Para este autor um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, em trânsito (Sayad, 1998, P.54).

produzidos a partir de trabalho de campo naquela cidade em maio 2007 e entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011.

No campo da História a perspectiva teórico-metodológica da História Oral vem se firmando desde a década de 1980 como portadora de uma “particularidade a partir da qual podemos entender melhor os significados subjetivos da experiência histórica” (THOMSON, 2002). Para o trabalho aqui proposto esta opção teórico-metodológica é importante na medida em que os relatos orais trazem à luz as experiências de e/imigrantes que são em sua maioria indocumentados que por esta razão não gostam de ser identificados e que produzem poucas possibilidades capazes de documentar tais experiências. Os relatos orais denotam processos de trocas de informações e negociações no interior das famílias e das redes sociais. Analisando a migração das províncias francesas para Paris no período entre guerras, por exemplo, a historiadora Isabelle Bertaux-Wiame percebeu que os relatos dos migrantes iluminavam as relações sociais que estão por trás das migrações, “redes de relações entre as pessoas que não deixam vestígio escrito atrás delas”. Essas redes eram de fundamental importância para as pessoas que vinham para Paris sem capital ou qualificações, pois “não apenas promoviam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor para viver, e até mesmo uma esposa ou um marido” (BERTAUX-WIAME, 1979 *apud* THOMSON, 2002, p.346).

Os relatos orais também contribuem na averiguação de outros aspectos que caracterizam os fluxos e/imigratórios contemporâneos internacionais e que os diferenciam dos fluxos do final do século XIX e início do XX. Além da constituição das redes de ajuda mútua, ou redes sociais: a diversificação do perfil do e/imigrante, o novo direcionamento desses fluxos, um processo de feminização, e suas relações com as novas tecnologias de comunicação. Em estudos realizados por historiadores eles também têm se revelado primordiais na averiguação dos fatores e causas da migração ao evocar “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino, nos ajudando a ultrapassar explicações economicistas e dando-nos a ver como esses imaginários são apropriados, reproduzidos e como são significativos para os e/imigrantes e suas comunidades de origem.

Tecnologias dinamizando fluxos migratórios

Poucos são os trabalhos que analisam as efetivas transformações históricas deste processo de desenvolvimento tecnológico relacionando-o à emergência de fluxos migratórios, ou seja, demonstrando, por exemplo, as modificações do tipo de veículos utilizados para se comunicar e o processo de aprimoramento pelos quais estes passaram, ou ainda, as importantes funções desses modos de comunicação na definição das distâncias sociais e na coletivização da experiência migratória ao longo do tempo. Nesse sentido, e para fins comparativos, apresentaremos rapidamente dois trabalhos que analisam o fluxo de africanos para a França que nos parecem particularmente interessantes. No primeiro deles, “*A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*”, Abdelmalek Sayad demonstrou que a criação de um sistema de comunicação, a partir de um conjunto de instrumentos que coexistiram e se alteraram ao longo do tempo: mensagem oral, carta e gravação em fita cassete, possibilitou um diálogo entre os emigrantes argelinos na França e seus conterrâneos na Argélia, o que por sua vez gerou novos constrangimentos sociais e provocou significativas mudanças no cotidiano destas famílias (SAYAD, 1998).

Nesta obra Sayad explica que a forma de comunicação mais direta utilizada pelos emigrantes argelinos na França e suas famílias na Argélia, porque naturalmente inscrita no sistema das relações familiares que inclui o autor, o portador e o destinatário da mensagem, é a mensagem oral. Tal processo, dado tão somente pela cultura da oralidade, serve a dois propósitos principais. Em primeiro lugar, enviar notícias das famílias na Argélia aos emigrantes na França: acontecimentos, projetos, pedidos, lembrando-os das suas obrigações para com suas famílias e, de forma inversa, enviar notícias dos emigrantes na França às suas famílias na Argélia: se estão bem, se enviaram ou enviarão dinheiro, lembrar as mulheres da sua condição de mãe, esposa e mulher honrada etc. E em segundo lugar, e no caso em que o portador da mensagem esteja emigrando pela primeira vez, que isto sirva para que este possa ser recebido e amparado por aquele que receberá a mensagem. E ainda, por ser uma forma de comunicar com o exterior, portanto, com o espaço público, a mensagem é um ato

essencialmente masculino e as mulheres só podem enviá-la através de uma rede de relações ainda mais estreita, geralmente por um homem que é parente ou amigo próximo.

O envio de carta complementa a mensagem oral com algum intervalo de tempo e é considerado um ato mais formal, “privado” ainda que outros a leiam, sendo associada à intenção de “segredo”. Entretanto, na medida em que se desenvolve o processo de escolarização e se intensifica o número de emigrantes, a carta vai ganhando terreno sobre a mensagem oral e tende a se “feminizar”, já que as mulheres passam elas mesmas a escrever ao invés de ditá-la para que outro escreva, ou na medida que seus filhos escolarizados assim o façam. A mensagem gravada (por meio de fitas do tipo K7), por sua vez, é uma técnica especialmente feminina, carregada de qualidades consideradas femininas: intimidade, interioridade, afetividade, fidelidade da mensagem etc., e é também uma técnica de “objetivação” que “contribui para desfazer ou dissipar as ilusões que produz”, o que se origina do sucesso “que encontra junto a todos aqueles que não conseguem se sentir à vontade (principalmente as mulheres, grifo meu) na linguagem pública, oral ou escrita” (SAYAD, 1998, p.139-148).

Por sua vez, em “Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental”, Carolyn Sargent, Stephanie Larchance-Kim e Samba Yatera, ao analisarem a emigração de africanos do Mali, da Mauritânia e do Senegal para Paris, no período compreendido entre 1965 e 2005, e salientando a “relevância das tecnologias de comunicação na (re)definição da distância social e na facilitação do envolvimento continuado de migrantes na tomada de decisões familiares, nas suas comunidades de origem”, destacaram que as conexões atuais dos emigrantes e suas famílias são mais intensas e frequentes do que as possibilitadas por tecnologias de telecomunicações de quarenta anos atrás, de forma que a separação geográfica e a distância são muito menos determinantes do que no passado (SARGENT, LARCHANCE-KIM, YATERA, 2007).

No estudo com 97 emigrantes, homens e mulheres, as autoras constataram que os mesmos acreditam ser cada vez mais fácil manter redes de conexões, especialmente através

do telefone. Do total de entrevistados, 98% declararam receber notícias frequentes de casa: 74% através do telefone, 11% através de telefone e cartas simultaneamente, e apenas 6% pela Internet. Este último dado está ligado ao baixo grau de escolarização dos entrevistados e à falta de acesso à internet na comunidade de origem. A preferência pelo telefone, segundo os entrevistados, consistia no fato de que, em comparação com o envio de cartas, eles eram mais rápidos, fáceis e através dele era possível escutar a voz dos familiares, o que para eles representava uma situação comovedora.

De igual modo, e de forma diferente da constatação de Abdelmalek Sayad sobre os emigrantes argelinos, o telefone possibilitava mais privacidade do que a carta, uma vez que esta, na ausência de um membro familiar letrado, deve ser lida por alguém que não pertence ao círculo familiar que pode espalhar a informação à comunidade. Os telefones são percebidos, ao mesmo tempo, como vantajosos e problemáticos:

(...) aqueles migrantes que chegaram à França no final dos anos de 1960, 70 ou mesmo nos anos 1980 comentaram sobre o tempo necessário para enviar e receber cartas naquela época. Notícias de uma doença ou morte raramente eram imediatas e frequentemente eram recebidas meses após o ocorrido. (...) Para esta geração mais velha, o contato instantâneo, o prazer de ouvir as vozes da família e passar por cima de intermediários para enviar e receber informação confidencial são benefícios significativos do acesso atual aos telefones. (...) Para alguns, a possibilidade de tal acesso imediato à família nem sempre é benéfica. Pedidos constantes de dinheiro – para cuidados com saúde, funerais, casamentos, batismos, num caso para reposição de gado roubado, para buscar comida – representam um fardo para os emigrantes em Paris, tanto empregados quanto desempregados. (...) Família e amigos na África ocidental formulam uma imagem da vida de imigrantes em Paris, na qual estes são bem sucedidos, financeiramente estáveis e levando uma vida invejável (SARGENT, LARCHANCE-KIM, YATERA, 2007, p.271).

O aprimoramento tecnológico transnacionalizando famílias valadarenses

No caso da cidade de Governador Valadares, passado quase meio século desde que os primeiros valadarenses, homens e mulheres, rumaram aos Estados Unidos, é notável que no plano das relações sociais constituiu-se um singular campo social, um campo de relações transnacionalizadas que colocam sempre em contato os emigrantes que ainda residem no exterior e seus conterrâneos no Brasil, pelos mais diversos motivos, seja apenas para “matar a saudade”, seja para o envio de remessas etc., ou mesmo os contatos realizados por muitos emigrantes que, retornados ao Brasil, ainda mantêm relações econômicas com os Estados

Unidos, como no caso daqueles que criaram negócios de importação e exportação de diversos produtos ou em outros casos semelhantes nos quais os sujeitos passam a viver em dois ou mais lugares simultaneamente, tornando-se “transmigrantes”.³ De um modo diferente, pessoas que nunca emigraram também se envolveram de alguma forma com a realidade da emigração, o que fez com que os emigrantes e suas famílias “estruturassem a vida entre dois lugares” (ASSIS, 2002) e o que provocou uma “nova configuração no estilo de vida local” (SIQUEIRA, 2006).

O conceito de redes sociais⁴ favorece a compreensão do deslocamento de valadarenses na conexão com os Estados Unidos na medida em que as redes sociais disponibilizam aos emigrantes uma gama de relacionamentos sociais que oferecem amplas possibilidades de trocas de experiências, de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas. No interior dessas redes, as vindas e idas ao Brasil, a troca de cartas, os telefonemas, os presentes enviados a parentes e amigos, as remessas enviadas ao Brasil para alguma finalidade, mais recentemente a comunicação pela Internet e a obtenção de outras informações necessárias ao projeto de e/imigrar são exemplos das relações transnacionalizadas estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos.

Não é possível no breve espaço desse artigo explorar a riqueza dos relatos orais produzidos com o/as e/imigrantes valadarenses, em função disso destacarei apenas alguns apontamentos sobre suas experiências e/imigratórias com a finalidade de demonstrar como as tecnologias de comunicação e transportes as têm influenciado. A começar por Carmem que emigrou para os Estados Unidos em 2002 retornando a Governador Valadares em 2005 como

³ Uma discussão sobre transnacionalismo pode ser encontrada em Alejandro Portes. *Estudos sobre as migrações contemporâneas: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisboa: Fim de Século, 2006.

⁴ Para o sociólogo Douglas Massey, a “teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar auto-suficiente com o tempo, por causa do capital social, que faculta aos migrantes em potencial, contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos; oferecem aos migrantes oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino. À medida que as conexões interpessoais são estendidas e elaboradas, esse capital social mostra-se cada vez mais disponível ao migrante potencial nas comunidades de origem, o que intensifica a expectativa dos retornos líquidos e reduz progressivamente os custos financeiros e físicos da migração”. Douglas S. Massey *et alii*. *Return to aztlán*. Los Angeles: University of California Press, 1987, p.169.

e/imigrante indocumentada.⁵ Na entrevista disse-me que pretendia ficar por um período maior de tempo naquele país e que chegou a procurar um advogado para analisar sua situação e possível regularização, mas para que isso acontecesse teria que permanecer por mais dois anos e isso não seria possível já que, segundo ela, *“meus filhos já estavam me esperando porque eu tinha falado pra eles que ia ficar dois anos e ultrapassei sete meses, eles me cobravam isso, pelo telefone e às vezes pelo msn”*. Relatou-me também que quando sua mãe faleceu em Governador Valadares seus irmãos que estavam nos Estados Unidos *“não puderam vir, o único contato que eles tinham era por telefone e foi o último contato que eles tiveram também”*.

De modo semelhante, Lorena que nunca emigrou, mas que possui um filho nos Estados Unidos desde 2004, narrou-me que a vida cotidiana mudou significativamente depois que o filho Rogério emigrou para os Estados Unidos. Em sua narrativa destacou que o fato: *“arrancou um pedaço de mim, a gente fica esperando a noite inteira pra ver se o telefone toca, a gente entra no msn, mas não está, às vezes dá vontade de dar murro nas paredes, acorda e o peito tá doendo, a gente vê um avião e pensa: meu Deus que vontade de entrar ali e ir abraçar meu filho”*. No outro extremo desta conexão seu filho Rogério mostra-lhe as mudanças que ele próprio observa em seu cotidiano nos Estados Unidos, pela câmera do computador ele mostra seu quarto e tentando confortá-la destaca a mudança na sua organização pessoal: *“olha mãe como o meu quarto está arrumadinho, agora as toalhas estão todas brancas e enroladinhas”*.

Lucí relatou que ela e o marido foram incentivados a emigrar para os Estados Unidos em 1989 porque *“os amigos telefonavam de lá dizendo que estava bom, que dava pra comprar casa e tudo”*. Maria Helena, por sua vez, relatou que na aventura de emigrar ilegalmente pela fronteira mexicana com um grupo de mais dez brasileiros da região de Governador Valadares em 2005, e por ser ela a mais escolarizada, os agenciadores a escolheram para *“guiar o grupo”*, de modo que falando com eles ao telefone ela chegava aos

⁵ Nomes próprios utilizados neste artigo foram substituídos por nomes fictícios com a intenção de manter preservada a identidade dos entrevistados e somente pessoas que já foram publicamente identificadas serão citadas com seus nomes verdadeiros.

hotéis, resolvia os problemas quando, por exemplo, alguns se negavam a pagar propina: “*eles ligavam e tudo era comigo*”. Por fim, Verônica que emigrou em 1995 narrou que depois que retornou dos Estados Unidos em 2002 fala frequentemente com amigas que ficaram lá e que a ex-patroa norte-americana continua lhe enviando cartas e fotos dos filhos.

Esses aspectos das trajetórias e/imigratórias de Carmem, Lucí, Maria Helena, Verônica e mesmo a experiência de não-migrante de Lorena, nos sugerem que na conexão entre Governador Valadares e os Estados Unidos a comunicação desempenha importante papel na vida cotidiana daqueles que emigraram, que permaneceram e que retornaram. Assim como emigrantes entrevistados por Sargent e colaboradores, os emigrantes valadarenses retornados entrevistados para este e outros trabalhos alegaram que a comunicação regular que estabeleciam com seus próximos propiciava-lhes satisfação emocional e acesso à informação e transações diversas. As entrevistas também permitiram constatar que as possibilidades de comunicação foram modificando ao longo das últimas décadas, embora, mesmo aqueles que emigraram já na década de 1960 também estabelecessem contatos frequentes com suas famílias no Brasil.

Estas diferenças nas possibilidades de manter o contato e os laços entre os membros familiares em diferentes espaços geográficos caracterizam e diversificam as experiências migratórias, causando, por exemplo, modificações nas expectativas temporais, como no caso daqueles que emigraram temporariamente e estão lá ainda hoje, ou ajudando a manter vivo o imaginário que percebe os Estados Unidos como Eldorado, como no caso daqueles que ao enviarem notícias de lá, salientam apenas os aspectos positivos da vida na sociedade norte-americana. A experiência dos primeiros e/imigrantes valadarenses que rumaram aos Estados Unidos ainda na década de 1960 foi marcada por um contato menos intenso com o Brasil devido à insuficiência e o alto preço dos meios de comunicações ou de transportes. O relato de Coelho é exemplar nesse sentido:

(...) chegamos tão empoeirados no Rio de Janeiro, porque não tinha asfalto. Bom, depois, nós fomos pra pegar o avião, era o chamado constellation, era um avião de quatro hélices, um avião lento, barulhento e que saía pousando aí por todo lado, Manaus, ia pra esses lados do Caribe, depois Porto Rico até chegar em Miami. Era uma viagem bem longa, o avião era um troço ainda muito demorado, não sei se levou

dezoito, vinte horas de vôo (risos). E depois o seguinte, olha bem, eu acho isso importante, não tinha telefone, tinha mas era precário, o negócio era tão raro e tão dificultoso que nesse natal de 62 eu ganhei da minha família (norte-americana, grifo meu) uma chamada para o Brasil e tenho até os jornais, eu tenho isso documentado, era tão importante, quer dizer, o pessoal lá naquele cantinho do Texas, falar com o país de origem era uma dificuldade, então, eles tiveram que pedir essa ligação com dois, três dias pro Natal e eu não conseguia falar, não falava direito, uma confusão. Então não tinha telefone direito, correspondência era trinta, quarenta e cinco dias pra chegar (Coelho, 65 anos, emigrou para os Estados Unidos em 1962, entrevista realizada por Sueli Siqueira e Gláucia de Oliveira Assis em 05/05/2007 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

A experiência da viagem de Coelho aponta para as dificuldades iniciais que os emigrantes valadarenses encontravam em suas experiências migratórias. Assim, seu relato nos sugere que a viagem até os Estados Unidos se dava através de meios de transportes que hoje nos parecem antiquados e inseguros, em viagens longas realizadas através de estradas que até então, e ainda em território brasileiro, não eram pavimentadas. De igual modo, a comunicação com familiares se dava através da escrita de cartas que ainda demoravam semanas até chegar ao destinatário e de telefonemas “*difícultosos*”, embora o telefone já representasse importante papel como veículo de comunicação apesar de a qualidade do serviço ser precária. Essa precariedade encontrada nos serviços de telecomunicações inibia a circulação de uma quantidade maior de informações entre os países em questão, fato que vai se alterando ao longo do tempo com a modernização dos meios de comunicação e com o retorno dos primeiros emigrantes que retornavam e traziam consigo notícias concretas sobre o modo de vida e as possibilidades de trabalho na sociedade norte-americana.

Questionado pelos norte-americanos sobre sua procedência Coelho respondia que era brasileiro, mas para ele: os norte-americanos “*não sabiam de nada*” porque “*não tinha televisão direito. As coisas assim eram divulgadas através das rádios, de rádios governamentais, era a voz da América de um lado e a voz do Brasil por outro, que entravam com muita dificuldade, então a gente tinha pouco acesso à informação*”. Procedente de família de classe média, o narrador explica que o conhecimento que tinha sobre os Estados Unidos provinha de leituras de publicações que tratavam do assunto. Considerando seu relato podemos sugerir que a modernização dos veículos de comunicação nos países de destino, mas principalmente nos de origem, como também destacaram os trabalhos citados de Sayad e Sargent (at al) no caso da emigração dos africanos ocidentais para a França, possibilitam uma

regular e mais intensificada circulação de informações nessas conexões com implicações de diferentes ordens, como por exemplo, no aumento do número de emigrantes ou na intensificação dos imaginários relacionados aos países de destino.

O relato de Eneida que emigrou para os Estados Unidos em 1968 não só aponta para a participação feminina desse fluxo e/imigratório desde sua fase inicial, como também dá-nos a ver o quanto as experiências de e/imigração estão condicionadas aos contextos históricos nas quais estão inseridas, sobretudo ao destacar as dificuldades da viagem para os Estados Unidos e o custo monetário da mesma, o que nos explica porque os primeiros e/imigrantes valadarenses que rumaram ao exterior eram procedentes de famílias de classe média alta da cidade de Governador Valadares (SIQUEIRA, 2006).

Lembro que éramos oito mulheres, tinha menos homens do que mulheres. Foi uma coisa assim, eu fiquei sabendo que ia ter uma excursão, excursão né? Entre aspas! (risos), que iria lá pra Nova York. Eu já tinha vinte e quatro anos, meus pais já não podiam me impedir de ir, papai financiou e comprou a minha passagem depois de muita luta porque eles não queriam que eu fosse (...). Fui através da Geralda que tinha a agência da Varig ali na Barão do Rio Branco só que quem nos levou foi a irmã dela que foi conosco até Nova York. Só tinha a Varig e naquela época a passagem custou 856 dólares, você imagina em 1968 a passagem custar esse preço, hoje você encontra passagem muito mais barata do isso, mas naquela época ninguém ia para os Estados Unidos, era muito complicado. E todos estavam indo pra trabalhar, eu sinceramente não fui pra trabalhar, mas trabalhei é lógico (Eneida, 66 anos, emigrou em 1968, entrevistada por Sueli Siqueira em 17/04/2007 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

As narrativas dos e/imigrantes que deixaram a cidade na década de 1980, por sua vez, já se diferenciam das narrativas de Coelho e Eneida por não enfatizarem demasiadamente estes aspectos que dificultavam o momento inicial do projeto migratório. Suas experiências se configuram de forma diferente uma vez que o aprimoramento constante dos veículos de comunicações e transportes deixa de se apresentar como problema e passa a oferecer soluções. Essas narrativas tomam outros contornos e enfatizam outros aspectos da experiência e/imigratória, como as dificuldades encontradas no momento da entrada naquele que ficavam mais restritas, já havendo casos de negações de vistos de trabalho e um cada vez maior recrudescimento das leis de imigração e do controle das fronteiras nacionais.

A partir da década de 1980 a circulação das informações, tanto aquelas sobre o modo de vida norte-americano quanto as que são necessárias ao projeto de emigrar é favorecida pela

modernização dos veículos de comunicação e pelo retorno de um número maior de emigrantes. Esses são fatores que contribuíram para a diversificação e dinamização das redes sociais cujo resultado é a alteração do perfil do emigrante valadarense nos Estados Unidos que cada vez mais são provenientes das camadas populares. Nesse novo contexto a comunicação destes e/imigrantes com seus conterrâneos no Brasil continua a ser feita através do envio de cartas e de telefonemas, com uma visível melhora nos serviços postais e telecomunicativos, contudo, a modernização dos serviços telefônicos não inibiu a comunicação efetivada através das cartas, pelo menos até fins da década de 1990 com a popularização do acesso à Internet. Os emigrantes de Governador Valadares escreveram muitas cartas ao longo do período de existência deste fluxo e isso permitiu à antropóloga Gláucia de Oliveira Assis, ao realizar uma “cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos”, constatar que a “permanência desta forma de ligação é muito significativa, pois neste mundo de tantas facilidades de comunicação, a carta continue a ser um registro estimado pelos emigrantes” (ASSIS, 2002, p.69).

As possibilidades de contatos mais frequentes entre os que estão “aqui” e os que estão “lá” contribuem com o aumento do número de e/imigrantes há mais acesso à informações importantes (capital social), pedidos e oferecimentos de ajuda. Os emigrantes já estabelecidos nos Estados Unidos enviam não só notícias sobre suas vidas, mas também convites e oferecimentos para o financiamento dos custos da viagem, facilitando também as coisas no momento da chegada nos Estados Unidos e na procura do primeiro emprego.

(...) lá tinha aquele de cartão, 5 dólares e você falava duas horas, antes era uma depois eles foram aumentando, a gente comprava os cartões e ligava, até pra celular mas na época nem tinha celular direito no Brasil depois que foi invadindo, mas dava pra ligar pra celular mais por menos tempo. Lá eu tinha internet, mas a minha família aqui não tinha, isso em 1996, 97. Eu escrevia carta, gostava muito de mandar cartão, fotos, tirava as fotos e mandava, escrevia pra todo mundo, depois você vai cansando, perdendo o assunto, daí vai ficando no telefone, mas o telefone também começa a ficar desgastante porque você já não tem assunto, o que eles estão vivendo lá não é o que nós estamos vivendo aqui. Isso acontece hoje também quando as minhas amigas ligam de lá, eu não aguento ficar mais de 10 minutos no telefone e elas querem ficar uma hora, duas horas, mas haja paciência porque eu já to querendo desligar e elas não desligam, eu não tenho mais assunto pra falar e lá a carência é demais daí eles ficam faladores: “você lembra do fulano?” A mesma coisa acontecia quando eu ligava, a minha família acho que ficava assim. Falava com todo mundo, cachorro, gato, vizinho, papagaio (risos) (Verônica, 42 anos, emigrou em 1995, entrevistada pelo autor em 04/02/2010 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

A narrativa de Verônica ilustra algumas das implicações e dos constrangimentos que a expansão das telecomunicações acarreta na vida cotidiana dos emigrantes e suas famílias. Como observou Sargent (at al) para o caso dos africanos ocidentais na França, eles podem atuar de maneira a trazer conforto e tranquilidade para aqueles que estão nos dois extremos desta conexão: como no caso de Tânia e Silvana que deixaram seus filhos no Brasil aos cuidados dos avôs, mas também podem gerar descontentamentos: como no caso de Verônica que diz não ter mais o que dizer quando as amigas ligam dos Estados Unidos, já que *“o que eles estão vivendo lá não é o que nós estamos vivendo aqui”*. Em contraste com as experiências de Tânia e Silvana, a autora citada destacou que as mulheres malinesas que deixaram seus filhos na sociedade de origem aos cuidados das avós frequentemente se vêem frustradas por não conseguir pagar os custos dos telefonemas (SARGENT, LARCHANCE-KIM, YATERA, 2007, p.271).

Nesse processo o cotidiano das crianças e dos adolescentes também é alterado. Sargent (at al) e colaboradores demonstraram que os filhos dos emigrantes que conseguem chegar à França com suas mães vão se adaptando à sociedade de destino e passam a falar francês. Uma das entrevistadas lhe disse que, ao telefonar para a mãe em Bamako, pressiona sua filha de seis anos para que fale com sua avó ao telefone *“esperando encorajar a criança a continuar falando Bambara. Contudo, geralmente a avó fala Bambara e a criança responde em francês, frustrando as esperanças da mãe”* (SARGENT, LARCHANCE-KIM, YATERA, 2007, p.274). Em Governador Valadares são muitos os casos semelhantes. A filha de Lucí, Luiza, nasceu nos Estados Unidos mas a mãe a trouxe com apenas cinco meses de idade para que ficasse aos cuidados dos avós no Brasil. Só quando a menina já havia completado 5 anos a mãe retornou dos Estados Unidos para levá-la consigo para aquele país, onde a menina alfabetizou-se. Hoje aos 22 anos relata que teve sérios problemas na escola principalmente com a língua portuguesa quando teve que retornar à Valadares em 2002, quando era uma adolescente com pouco mais de 12 anos. Desde então a menina exercitava seu inglês com o primo que nasceu e ainda vive nos Estados através da Internet e do telefone: *“porque ele não fala nada de português, é mais americano do que eu”*. Lorena, avó de ambos, disse que outro dia ao falar

com ele ao telefone perguntou se ele estava bem, ao que ele respondeu também em português: “*estou ótimo*”, fato que segundo ela, deixou-a muito “*feliz*”.

Todavia, neste processo de modernização dos veículos que possibilitam a comunicação e em contraste às observações de Carolyn Sargent (at al) para o caso dos africanos ocidentais na França devido á intensidade com que ocorre esse processo, a Internet vem desempenhando importante e destacado lugar no cotidiano dos emigrantes valadarenses e suas famílias. Como rede de telecomunicação ela tem se apresentado como uma grande aliada dos agentes envolvidos nos fluxos migratórios mais recentes. Através da internet os emigrantes valadarenses enviam notícias às suas famílias no Brasil, substituem-na pelas ligações telefônicas, pela escrita de cartas, como também se informam sobre oportunidades de empregos nos Estados Unidos, têm acesso às notícias referentes aos acontecimentos políticos, seja lá ou aqui. Se forem indocumentados podem não só se informar sobre esta condição e sobre processos de legalização, mas também se organizar, criar fóruns de discussões, debates e esclarecimentos. Criam comunidades de emigrantes em sites de relacionamento onde se encontram disseminando e recebendo informações. Fazem da internet um campo de trocas de experiências e informações.

Lorena, por exemplo, acompanha do Brasil o cotidiano do filho Rogério nos Estados Unidos através da internet. Segundo ela: “*eu aprendi a mexer no computador por causa dele, ele me mandou o computador de lá, mas eu aprendi sozinha*”. Assim, a inclusão do computador e da internet foi mais uma das modificações operadas no cotidiano de Lorena no Brasil. No outro extremo desta conexão, essa experiência também fez parte da vida de Tânia e Carmem. Tânia tem computador há apenas seis anos e aprendeu a “*mexer lá (nos Estados Unidos, grifo meu) pra comunicar com aqui, hoje eu tenho o meu email, às vezes a gente se fala e aquele que não tem câmera pra gente se vê vai na casa de um irmão e junta todo mundo, daí tem um horário marcado, falo um pouquinho com cada um*”. Para Carmem esta inserção se deu pelo trabalho nos Estados Unidos, uma vez que: “*até então nem mexia com computador, daí eu comecei a fuçar, na galeria eu tinha que colocar preços pelo computador então foi onde eu comecei a me interessar pela tecnologia da computação*”. Um aspecto

interessante nesse sentido é que mesmo com o retorno à Governador Valadares algumas mulheres continuam mantendo contatos com as suas ex-patroas norte-americanas. Verônica, por exemplo, disse que *“ela escreve pra mim, manda foto do neném porque ela custou a engravidar também”*. Isso nos sugere que alguns emigrantes, mesmo retornando à cidade de origem, de alguma forma continuam mantendo ativas as relações sociais estabelecidas a partir do cotidiano nos Estados Unidos.

Mas se por um lado a circulação de informações causa mudanças significativas no plano das relações sociais e inclusive nos costumes locais, por outro há transformações significativas no espaço físico e urbano da cidade, no qual são introduzidos elementos culturais externos que modificam a sua costumeira configuração. As remessas monetárias obtidas com o trabalho nos Estados Unidos e enviadas para Governador Valadares, ao se apresentar como mais uma forma de manutenção dos laços entre essas sociedades, representam um exemplo prático deste diálogo na medida em que tais recursos são investidos na construção da casa própria (que em alguns casos são construídas e/ou decoradas no modelo norte-americano) ou em outros tipos de investimentos, sobretudo no incremento do comércio e no setor de serviços.

A narrativa de Maurício, que é arquiteto e empresário que atua no ramo da construção civil há mais de trinta anos e por este motivo viu *“como tudo foi acontecendo”*, chama atenção para a relação dos e/imigrantes com as novas tecnologias de comunicação na hora de efetuar esses investimentos. Até 2007 a maior parte dos seus clientes era composta por emigrantes que residiam nos EUA e através de veículos de comunicação ele conseguia não só firmar os contratos como fazer com o cliente acompanhasse a obra:

Durante estes anos eu pude perceber um período em que a construção civil tinha, com relação aos recursos vindos de fora, principalmente dos Estados Unidos, um índice bem significativo das obras realizadas. Já houve época em que um grande percentual das obras registradas no município tinha como origem os recursos vindos dos Estados Unidos. (...) Mas começaram a surgir alguns contatos diretos, chegamos a executar obras não através de familiares, mas diretamente com as pessoas, normalmente por telefone e pela internet (...). O pessoal que tá fora, eles não ficam totalmente ausentes, periodicamente eles vem aqui não só pela questão da saudade de ver os familiares, mas também em função de que tem que administrar! Mas o telefone foi ao longo desse período o mecanismo de comunicação mais utilizado. A internet é mais recente, e mesmo assim ainda existe alguma dificuldade operacional porque as pessoas que ficam lá nem sempre tem acesso com facilidade ao conhecimento. Às vezes um procedimento simples

é um obstáculo, você demora aí uma semana pra conseguir com que eles abram o arquivo e vejam uma imagem 3D de algo que foi concebido aqui pra que ele possa aprovar e dar um retorno. Então, isso ainda é um fator pra criar certa dificuldade (Maurício, 59 anos, entrevistado por Gláucia Assis e pelo autor em 07/05/2007 em Governador Valadares. Transcrição do autor).

Em seu relato Maurício aponta para o fato de que o telefone e a Internet têm desempenhado importante papel em se tratando da comunicação dos emigrantes valadarenses com suas famílias e amigos no momento da efetivação dos investimentos que aqueles fazem em Governador Valadares. Ao descrever em sua narrativa alguns dos trabalhos que efetuou para emigrantes que ainda residiam no exterior, ou em alguns através de parentes próximos, Maurício descreve não só as alterações que percebe nas relações sociais mas também alterações nos aspectos físicos da cidade, ao citar por exemplo que alguns bairros se desenvolveram devido aos dólares enviados pelos emigrantes. Neste caso em particular, o que ocorre é que mesmo estando geograficamente distante, os e/imigrantes valadarenses nos Estados Unidos que são seus clientes podem contratar seus serviços e ainda acompanhar a obra através dos veículos de comunicação, corroborando para transformações urbanas no âmbito “local”.

No relato Maurício também nos recorda que os emigrantes “*não ficam totalmente ausentes*”, já que “*periodicamente eles vêm aqui*”, isso porque e para aqueles que são documentados, as viagens ao Brasil são cada vez mais facilitadas pela expansão, modernização e barateamento dos meios de transportes. Uma das implicações desse processo é que essas visitas que os emigrantes fazem ao Brasil “*pela questão da saudade de ver os familiares*”, seja realizada em períodos cada vez maiores de tempo, já que de uma maneira geral a possibilidade de se comunicar e de manter os laços com a terra de origem ameniza a saudade e funciona como um meio informativo e tranquilizador, sobretudo para as famílias cujos emigrantes são indocumentados, processo que incide também na expectativa do tempo de permanência na sociedade de destino.

Em sua narrativa Tânia, hoje com 72 anos, destacou que foi graças a estas possibilidades de se comunicar com a família em Governador Valadares, e devido à sua anterior condição de imigrante ilegal, que suportou ficar onze anos longe dos filhos e de netos

que sequer conhecia ou que “já estavam mocinhos” quando ela retornou pela primeira vez. A história dela permite-nos afirmar que a constituição do que poderíamos chamar de redes de telecomunicações atua de maneira significativa nas famílias dos emigrantes já que através delas tais famílias podem comunicar e ligar redes domésticas à distância. Nesse processo a modernização dos veículos de comunicações e transportes se apresenta como um suporte tecnológico de ampliação de possibilidades e/imigratórias ao permitir que as redes sociais se mantenham e/ou se modifiquem. As narrativas orais aqui rapidamente apresentadas nos dão a ver que nas vivências/experiências dos migrantes inseridos em fluxos migratórios globais mais recentes as redes sociais e a modernização tecnológica são processos e realidades cada vez mais indissociáveis.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Gláucia de Oliveira Assis. Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Textos NEPO, n.41 (2002).
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.
- BLANCO, Cristina (Org). Migraciones: nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Rubí/Barcelona: Anthropos, 2006.
- CASTLES, Stephen. Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: Migrações internacionais: contribuições para políticas, Distrito Federal, 2001, p. 427-441.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MASSEY, Douglas S. et al. Return to aztlán. Los Angeles: University of California Press, 1987.
- PORTELLI, Alejandro. O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral. In FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de,

KHOURY, Yara Aun (Orgs). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004.

PORTES, Alejandro. Estudos sobre as migrações contemporâneas: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração. Lisboa: Fim de Século, 2006.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa Sales. Cenas do Brasil Migrante, São Paulo, Boitempo, 1999, p.17-44.

SARGENT, Carolyn, LARCHANCE-KIM, Stephanie, YATERA, Samba. Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental. Cadernos Pagu, n.29 (2007), p. 257-284.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração. In: DEMARTINI, Zeila B. e TRUZZI, Osvaldo. Estudos migratórios: perspectivas metodológicas. São Paulo: EDUFSCar, 2005, p.13-53.

SIQUEIRA, Sueli. Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares – sonhos e frustrações no retorno. Tese de doutorado em Sociologia. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

SOARES, Weber. Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa. Cenas do Brasil Migrante, São Paulo, Boitempo, 1999, p. 167-192.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História, v.22, n.44 (2002), p. 341-364.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YANS-MCLAUGHLIN, Virginia. Immigration Reconsidered. New York: Oxford University Press, 1990, p.79-95.